



NÚCLEO MEMÓRIA

CONTATO

Endereço: Av. Brigadeiro Luis Antônio, 2050

Bloco B - conj. 141 - CEP: 01318-912

São Paulo/SP

Tel.: +55 11 2306-4801

E-mail: contato@nucleomemoria.org

Site: www.nucleomemoria.org/

Facebook: Núcleo Preservação da Memória

Twitter: @nucleomemoria



NÚCLEO MEMÓRIA

Farid Helou

Uma Arquitetura da Revolução

texto: Pedro Russo



O alvorecer de um revolucionário

Farid Helou nasceu no interior de Goiás, em Pires do Rio, no dia 12 de setembro de 1930. Filho de Barbahan e Emilie Helou, casal sírio, teve uma formação próxima à cultura árabe. De acordo com a esposa Nadir e os filhos Luiz Carlos, Emilie e Marcelo, Farid sempre foi uma pessoa muito inteligente. Para a filha, Emilie: "Nunca obedeceu ninguém, sempre fez o que queria!" Parece que essas características o acompanharam desde a infância, quando decidiu fugir do internato de padres em que estudava. Em certa ocasião, ao esquecer de fazer uma lição, Farid teve como penitência escrever 100 vezes o delito cometido e se recusou. O padre, então, dobrou o castigo, fazendo o garoto recusar-se mais uma vez e assim seguiu, o padre aumentando o castigo e Farid recusando-se a obedecer. Ele sabia que chegaria um momento em que seria impossível completar a tarefa imposta. Conseguiu, dessa forma, demonstrar o absurdo do castigo e, ao mesmo tempo, livrar-se dele.



Posteriormente mudou-se para São Paulo para estudar. Começou a trabalhar como jornalista para o jornal "Hoje" e, ainda jovem, passou a ter contato mais intenso com os ideais comunistas. Foi em São Paulo também que Farid conheceu o amor de sua vida, Nadir, que era sua colega de classe. Ele era amigo do irmão de Nadir, Pedro Paulo, e passou a frequentar sua casa cotidianamente, na época em que cursavam o científico (antigo Ensino Médio). Farid a ajudava nos estudos com Matemática: "Aí, de repente, mais que de repente, um gostou do outro!", relembra Nadir.

Em dezembro de 1950, Farid foi detido pela primeira vez ao protestar em favor de grevistas que foram violentamente reprimidos por um grupo de choque do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), segundo jornal da época. Todavia não permaneceu preso, mas foi processado. Já em 1953, no dia de seu aniversário, Farid e companheiros foram presos por agitação política e darem “vivas a Prestes, a Stálin, a Molenkov e à vitória da democracia popular”, de acordo com registro do delegado do DOPS que estava de plantão.

No ano seguinte Farid e Nadir se casaram, tiveram quatro filhos, Luiz Carlos, Emilie, Olívio e Marcelo. O nome do primogênito fora uma homenagem ao líder comunista e dirigente do Partido Comunista Brasileiro, Luiz Carlos Prestes. Curiosamente, ao nascer Marcelo, quis homenagear novamente um líder da esquerda e batizou o filho caçula de Fidel Castro. Nadir contou ao jornalista Washington Luiz de Araújo, em reportagem à revista Brasileiros que na ocasião: “Li (a certidão de nascimento), rasguei e joguei na cara dele. Ele disse que sabia que eu faria isso, pegou uma cópia e me deu.” Nadir repetiu a atitude e pediu para que o sogro registrasse o caçula com o nome de Marcelo, proposto pelo filho mais velho. Em 1958 terminou sua graduação em Arquitetura, cursada na Universidade Presbiteriana Mackenzie e mudou-se com a família para Goiânia, voltando ao seu estado de origem. Em 1959 participou, junto com Clóvis Graciano, Elder Rocha Lima e Pedro Ribeiro dos Santos da construção do “Monumento ao Trabalhador”, no centro de Goiânia. O local, segundo o jornalista Elder Dias relatou ao “Jornal Opção”, se tornou ponto de encontro de manifestantes, para organizarem atos e assembleias. Após o golpe civil-militar de 1964 o local passou a ser “incômodo” para o governo autoritário e a repressão. Isso fez com que o monumento fosse sucateado e sofresse ataques de grupos pró-ditadura, como o Comando de Caça aos Comunistas (CCC).



A ideia dos arquitetos e engenheiros era que o monumento fosse uma “homenagem aos verdadeiros construtores da cidade”, ou seja, os operários. Neste ano de 2016, a “Comissão Estadual da Memória, Verdade e Justiça” de Goiás recomendou ao governador e ao prefeito de Goiânia a devolução do Monumento à cidade (Jornal Opção).

Personalidade comunista e a vida em Cuba

Farid é considerado por amigos e familiares uma pessoa extremamente inteligente e convicta de seus ideais. Segundo o companheiro José Luiz Del Roio, era um comunista 24 horas por dia, “que às vezes dormia”. Para os amigos Reginaldo Forti (Régis), Carlos Fernandes Silveira (Caico), Alfredo Buso e Eisete Borim, era uma pessoa brilhante, “puro cérebro”, um ótimo arquiteto e um grande companheiro. Além disso, Farid tinha um apreço especial pela juventude, em quem depositava a esperança de efetivarem a revolução. Era para estes jovens como um professor, sempre indicando leituras, realizando calorosos debates. Segundo Caico, lembrava o professor Sinigaglia, do filme, I Compagni (Os Companheiros), de Mario Monicelli, que busca despertar o espírito revolucionário dos trabalhadores.



Outra característica sempre lembrada por quem conviveu com Farid é sua discrição e humildade, ressaltada por Maurice Politi, com quem dividiu cela no Presídio Tiradentes, em 1971. Quando questionado pelos familiares sobre sua militância política na resistência à ditadura, Farid limitava-se a dizer: “Essa história

não é minha!" Para ele, a revolução era algo muito maior, que estava além dele próprio. Essa característica fez com que Farid caminhasse ao lado de revolucionários reconhecidos internacionalmente como Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira, Apolônio de Carvalho, Francisco Julião e até mesmo Che Guevara e Fidel Castro.



Em 1961, quando morava em Goiânia, Farid decidiu que se mudaria para Cuba, com o intuito de ajudar na reconstrução do país que acabava de passar por um processo revolucionário. Contudo, não avisou a esposa, nem seus familiares. Nadir lembra que: "Uma amiga nossa ficava me dizendo:

'Olha que ele vai para Cuba'. Eu não acreditava muito, mas aí apareceu em Goiânia o líder das Ligas Camponesas, o Francisco Julião, e Farid seguiu para Cuba com ele, sem eu saber" (Revista Brasileiros). Aliás, os sumiços de Farid não eram raros, às vezes dizia à esposa que iria para São Carlos, ou Presidente Prudente, ambas no interior de São Paulo, mas na verdade pegava um avião em direção à antiga União Soviética, para a Argélia, dentre outros lugares.

Como Farid não dava indícios de que voltaria ao Brasil, Nadir pegou os quatro filhos e foi para Cuba encontra-lo. Na ilha Farid trabalhou no Ministério da Economia e Planificação, onde conheceu o "Che", tomando-se amigo de um dos líderes da Revolução. Trabalhou na construção de casas populares e na plantação de cana de açúcar. Estava em Cuba no ano de 1962, quando ocorreu a crise dos mísseis. Nadir conta que Farid foi um dos poucos estrangeiros que se prontificou a defender a ilha caso ela fosse atacada pelas

forças estadunidenses. Chegou até a levar o filho mais velho, Luiz Carlos, que na época tinha 7 anos de idade, para ajudar a preparar as trincheiras no caso de uma invasão. No final de 1963 Nadir voltou com os filhos para o Brasil.

Marcelo, o caçula não falava português, só espanhol, Luiz Carlos e Emilie lembram-se até hoje a letra do hino de Cuba. Os poucos anos que passaram na ilha foram intensos e determinantes, principalmente para Farid, que voltou ao Brasil em novembro 1964, seis meses após o golpe de 1º de abril.

A opção pela luta armada

Depois de ter residido três anos em Cuba e conhecido a realidade da reconstrução do país, Farid começou a discordar da posição do Partido Comunista Brasileiro (PCB), que rechaçava a luta armada. Para Politi, o grande motivador que levou Farid optar pela resistência armada à ditadura foi a experiência na Cuba pós-revolucionária.

A família Helou já era conhecida de lideranças que despontavam como ícones da resistência ao Golpe civil-militar de 1964, dentre eles Joaquim Câmara Ferreira (Toledo) e Carlos Marighella. Assim, ao voltar de Cuba, Farid foi surpreendido quando chegou em casa e deu de cara com "Toledo" e Marighella, que faziam parte do Comitê Central do Partido Comunista. Eles estavam escondidos na casa a pedido do jornalista Noé Gertel (Revista Brasileiros).





Como a família Helou possuía um apartamento na Rua das Camélias, na Vila Mariana, e outro na Cincinato Braga, próximo à Avenida Paulista, Farid decidiu fazer deste último, um aparelho clandestino. Neste "aparelho" foi fundado o "Agrupamento Comunista de São Paulo", que posteriormente passou a ser conhecido como a Ação Libertadora Nacional (ALN), que tinha Marighella e Toledo como suas principais lideranças. Del Rojo relata que Farid "é peça fundamental da criação da ALN. Ele não está dentro da ALN, ele é mais que isso!"

A família acostumou-se a conviver com pessoas procuradas pela repressão, com a constante mudança de nomes dos "tios" e "tias" que passavam pela casa. Para não chamar a atenção dos vizinhos Farid levava os filhos para assistir televisão no "aparelho". Eles assistiam a "Família Trapo" aos sábados e, aos domingos, "Perdidos no Espaço". Era o único momento em que as crianças podiam assistir aos programas, pois Farid não admitia uma televisão em casa, que para ele era coisa de americano, "coisa de burguês."

Carona para um velho conhecido

Farid possuía, em 1966, um DKW vermelho. De acordo com amigos e familiares ele não era um exímio motorista, mas, neste ano, teve como passageiro um dos principais revolucionários latino-americanos. É fato conhecido que, para entrar na Bolívia, onde pretendia implantar uma guerrilha revolucionária, Ernesto "Che" Guevara optou por uma rota que passava pelo Brasil. Aqui ele pegaria um trem, que foi da cidade de Bauru para a Bolívia. Este trem o deixou em Santa Cruz de La Sierra e dali o "Che" liderou um agrupamento guerrilheiro na selva boliviana até sua morte, em 1967.



Como já era conhecido do "Che" nos anos que viveu em Cuba, Farid ficou incumbido de recebe-lo e encaminhá-lo à cidade em que pegaria o trem para o país vizinho. Nadir só ficou sabendo desse fato através de Maurice Politi, a quem Farid contou essa

história quando eram companheiros de cela no Presídio Tiradentes.

Prisão e fim do sonho revolucionário

Em fevereiro de 1969 Farid foi preso pela primeira vez, tendo ficado em cárcere pouco mais de um mês. Entretanto, em maio do mesmo ano foi preso novamente. A polícia invadiu sua casa e começou a levar seus bens. Emilie, que tinha 11 anos de idade, conseguiu esconder um pôster do Che debaixo de um poncho. Quando os policiais perguntaram a Farid quem era o homem de barbas grandes no quadro acima do piano, Farid não pensou duas vezes e falou "Beethoven". Na verdade era um quadro de Karl Marx, mas Farid foi tão convincente ao falar o nome do renomado compositor alemão que os policiais nem desconfiaram.

Em um informe do Departamento de Ordem Política e Social do dia 14 de março de 1969, pode-se ler o seguinte: "Carlos Marighella não está mais em São Paulo. Mostrou-se bastante aborrecido com a prisão do arquiteto Helou. Este deve ser pessoa bastante importante." Segundo Del Roio, Farid nunca foi dirigente, mas sempre atuou como um importante articulador, tanto no PCB, quanto na ALN. Por sempre primar pela discrição em suas ações enquanto militante político, não ficou muito conhecido, mas foi um dos principais resistentes à ditadura civil-militar.

Era tão discreto que quando perguntavam se havia sofrido muito nas mãos dos torturadores, respondia: "Não é da sua conta."

Ficou preso 3 anos. Passou por presídios em Belo Horizonte, Juiz de Fora, Brasília, São Paulo, dentre outras cidades. Quando saiu da prisão, em 1972, muitos de seus companheiros, como Marighella e Joaquim Câmara tinham sido assassinados pela repressão. Com o fim da luta armada e a morte de importantes companheiros, Farid decidiu afastar-se da militância política.

Distanciou-se da militância política, mas não de seus ideais. Demorou a encontrar emprego devido ao fato de ter sido preso, mas como era um extraordinário arquiteto conseguiu, aos poucos restabelecer-se na profissão. Nessa etapa da vida Farid manteve-se ocupado com o trabalho e com a família, trabalhando nas empresas Emplasa, Hidrobrasileira, na prefeitura de Santos junto com a ex-prefeita Telma de Souza e na Secretaria de Transportes, em São Paulo.

Em 1980 sofreu uma grande perda, o filho Olívio de 22 anos, faleceu em um acidente de carro. Isso abalou toda a família. Nadir relata que: "Farid teve enfisema pulmonar, de tanto fumar. O médico disse que ele já tinha tido dois enfartes. Ele não sabia. Acho que foi quando foi preso e quando perdeu o filho. Depois, morreu devido a outro enfarte" (Revista Brasileiros).

Farid faleceu em 1997 e levou consigo muitas histórias. Agora se faz necessário que lembremos a história e militância desse grande personagem da resistência aos desmandos da ditadura militar brasileira. Sua luta contra a ditadura e por uma sociedade igualitária e justa deve ser recordada e divulgada.

"Não conheci meu avô como o revolucionário que foi, mas como uma pessoa que, apesar de firme em seus ideais e opiniões, era também muito doce. Ele conseguia unir nossa família e conseguiu mais uma vez neste sábado, mesmo depois da sua morte. Faz quase 20 anos que ele morreu e até hoje não consigo falar dele sem me emocionar..."

Thaís Helou
neta de Farid

